



## Experiências de mulheres professoras e estudantes negras, nos tempos de Covid-19 - Montes Claros/MG<sup>1</sup>

*Filomena Luciene Cordeiro Reis*

Universidade de Uberaba – UNIUBE, Brasil  
Centro Universitário Funorte – FUNORTE, Brasil  
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, Brasil

*Wenceslau Gonçalves Neto*

Universidade de Uberaba – UNIUBE, Brasil.  
Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Brasil

### RESUMO

No Brasil, o Covid-19 revelou desigualdades sociais alarmantes, contaminando as camadas mais pobres/trabalhadores, motivada por fatores como moradia e alimentação inadequada; trabalhos informais; “obrigatoriedade” de comparecer ao trabalho; etc. O item raça/cor expôs número referente à maioria de pretos e pardos em situação vulnerável, denotando o processo histórico brasileiro remetente ao colonialismo e capitalismo vigente. A pesquisa objetivou estudar como a desigualdade social, racial e de gênero concebeu experiências educacionais, abarcando mulheres negras, professoras e estudantes, durante a pandemia de Covid-19, em escolas públicas de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. A metodologia utilizada constituiu da História Oral aliada a outras fontes como documentos oficiais do Estado e Município, jornais, revistas etc., bem como o ambiente escolar. Os resultados consistem nas memórias recentes de professoras negras, trabalhadoras de três escolas na cidade, possibilitando a construção de narrativas históricas sobre o processo de ensinar e aprender durante a pandemia de Covid-19.

**PALAVRAS-CHAVE:** Experiências educacionais. Mulheres pretas. Professoras e estudantes. Covid-19.

### EXPERIENCES OF FEMALE TEACHERS AND BLACK STUDENTS, IN THE TIMES OF COVID-19 - MONTES CLAROS/MG

### ABSTRACT

In Brazil, the Covid-19 revealed alarming social inequalities, contaminating the poorest/working layers, motivated by factors such as housing and inadequate nutrition; informal work; "mandatory" to attend work; etc. The item race/color exposed a number referring to the majority of blacks and browns in vulnerable situations, denoting the Brazilian historical process

---

<sup>1</sup> Aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Uberaba. CAAE: 63132822.8.0000.5145 e Número do Parecer: 5.656.586.

referring to colonialism and capitalism in force. The research aimed to study how social, racial and gender inequality conceived educational experiences, including black women, teachers and students, during the Covid-19 pandemic, in public schools in Montes Claros, Minas Gerais, Brazil. The methodology used consisted of Oral History combined with other sources such as official state and municipal documents, newspapers, magazines, etc., as well as the school environment. The results consist of recent memories of black teachers, workers from three schools in the city, enabling the construction of historical narratives about the process of teaching and learning during the Covid-19 pandemic.

**KEYWORDS:** A Educational experiences. Black women. Teachers and students. Covid-19. Montes Claros.

## **EXPERIÊNCIAS DE MAESTRAS Y ESTUDIANTES NEGRAS, EN TIEMPOS DE COVID-19 - MONTES CLAROS/MG**

### **RESUMEN**

En Brasil, el Covid-19 reveló alarmantes desigualdades sociales, contaminando a las capas más pobres/trabajadoras, motivadas por factores como la vivienda y la nutrición inadecuada; trabajo informal; "obligatorio" para asistir al trabajo; etc. El ítem raza/color expuso un número que se refiere a la mayoría de los negros y morenos en situaciones vulnerables, denotando el proceso histórico brasileño referido al colonialismo y al capitalismo vigente. La investigación tuvo como objetivo estudiar cómo la desigualdad social, racial y de género concebía las experiencias educativas, incluidas las mujeres negras, los maestros y los estudiantes, durante la pandemia de Covid-19, en las escuelas públicas de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. La metodología utilizada consistió en Historia Oral combinada con otras fuentes como documentos oficiales estatales y municipales, periódicos, revistas, etc., así como el ambiente escolar. Los resultados consisten en recuerdos recientes de maestros negros, trabajadores de tres escuelas de la ciudad, lo que permite la construcción de narrativas históricas sobre el proceso de enseñanza y aprendizaje durante la pandemia de Covid-19.

**PALABRAS CLAVE:** Experiencias educativas. Mujeres negras. Profesores y alumnos. Covid-19. Montes Claros.

### **1 INTRODUÇÃO**

O Município de Montes Claros está localizado no norte do Estado de Minas Gerais e possui adversidades e contrastes fomentadores de pesquisa. A história de Montes Claros, de acordo com Oliva Brasil (1983), surge da caminhada dos bandeirantes pelo norte de Minas Gerais. Em 1674, o bandeirante Antônio Gonçalves Figueira resolveu fixar moradia nessa região construindo a Fazenda de Montes Claros para criação de gado. Em 1769, o Alferes José Lopes de Carvalho, sendo o novo proprietário da referida Fazenda, construiu uma capela em honra de Nossa Senhora da Conceição e São José, que se tornou a Igreja da Matriz e, ao seu redor, foi se povoando. Desse modo, a Fazenda de Montes Claros transformou-se no maior centro comercial de gado e de cultura no norte de Minas Gerais (Paula, 1979).

A sucessão de transformações políticas da Fazenda possibilitou a sua consolidação, tornando-a o Arraial de Formigas, depois Arraial de Nossa Senhora da Conceição e São José de Formigas, Vila de Montes Claros de Formigas e, por fim, cidade de Montes Claros. Os líderes políticos do Arraial elevaram o Arraial a Vila pela Lei de 13 de outubro de 1831, recebendo o nome de Vila de Montes Claros de Formigas. Em 03 de julho de 1857, pela Lei nº 802, foi elevada a categoria de cidade com o nome de Montes Claros (Viana, 1916).

De acordo com Hermes de Paula, a economia de Montes Claros, desde sua origem, girava em torno da agricultura e da pecuária (Paula, 1979). Além da agropecuária, Montes Claros conta, desde a década de 1960 até os dias de hoje (2023), com a participação de algumas indústrias de grande importância para a região e o país (Montes Claros em Foco, 1979).

Montes Claros é também um polo regional na área educacional, contando com uma universidade estadual e uma federal, bem como algumas faculdades particulares e muitas escolas que oferecem desde a educação básica até o ensino médio. Vejam dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade desde 2010, compondo 98,4%. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) referentes aos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública, em 2019, consistiu em 6,4; o IDEB dos anos finais do ensino fundamental da Rede pública de 2019, 4,9; as matrículas no ensino fundamental, em 2020, 49.390; matrículas no ensino médio, em 2020, 15.907; os docentes no ensino fundamental, em 2020, 2.441; docentes no ensino médio, em 2020, 1.107; número de estabelecimentos de ensino fundamental, em 2020, 141 escolas; e número de estabelecimentos de ensino médio, em 2020, 55 escolas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

Devido à sua localização geográfica, Montes Claros recebe influências de outras regiões do país, resultando em uma cultura bastante diversificada e rica, bem como estudantes de vários lugares do país e conta, atualmente (2023), com mais de quatrocentos mil habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

Contudo, Montes Claros, cidade de porte médio, se revela, apesar do seu crescimento vertiginoso nos últimos tempos em variadas perspectivas, uma cidade provinciana. Convivem na cidade, retirantes da seca dos municípios vizinhos e do sul da Bahia em busca de melhores condições de vida, moradores suburbanos na luta pela sobrevivência e famílias tradicionais que, ainda hoje (2023), mantêm requisitos referendados desde épocas em que detinham o poder político e econômico, determinando-se como mandatários regionais. A Revista Montes Claros em Foco registra que, do crescimento desordenado da cidade, surgem núcleos habitacionais, totalmente, marginalizados, os quais perduram desde o processo de industrialização da cidade, ou seja, final da década de 1960 e 1970, até o momento atual (Montes Claros em Foco, 1979).

As indústrias, aos poucos, desaparecem do cenário montesclarenses à medida que os incentivos fiscais da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) se diluem, dando a Montes Claros o estigma de “cemitério de indústrias”. Porém, na década de 1980, Montes Claros revê alguns de seus maiores problemas em relação ao desenvolvimento, buscando outras estratégias para cumprir seu papel social, econômico e político no âmbito regional (Diário do Comércio, 1997).

Constata-se que, essa trajetória histórica de Montes Claros transformou-a no polo de desenvolvimento econômico e educacional de uma área que abrange cerca de dois milhões de habitantes, constituída pelos cinquenta e um (51) municípios do Polígono das Secas, que se estende pelos vales do Jequitinhonha e Urucuia até a divisa com a Bahia, representando cerca de trinta por cento (30%) do território mineiro (Universidade Estadual de Montes Claros, 2001).

Apresentar Montes Claros, nessa perspectiva geral, apontando, mesmo que de forma sucinta sua trajetória, é relevante para compreender que há grupos hegemônicos, os quais se mantêm até a atualidade, sobretudo pelos estudos escolares e acadêmicos, em especial em Medicina, Direito e Engenharia, aliados a outros aspectos como o econômico e o político, que os coloca em posições de tomadas de decisões e deferimento de políticas públicas para os seus habitantes. Desse modo, a educação promove as pessoas, denotando as especificidades características da formação social brasileira e, conseqüentemente montesclarenses, advindas do colonialismo enveredadas ao gênero, raça e classe. Nessa perspectiva, mulheres negras enfrentam desafios para estar e concluir seu processo de escolarização como estudante, assim como alcançar o lugar de professora (Carneiro, 2011).

Desse modo, essa pesquisa se propôs estudar a relação entre educação, raça, classe e gênero a partir de histórias de vida de mulheres professoras do ensino fundamental em Montes Claros, Minas Gerais, nos tempos pandêmicos do Covid-19. No entanto, essa narrativa apresenta o estudo parcial, considerando o prazo para sua execução e término. Há apontamentos, cujas análises serão ampliadas no decorrer do tempo e exame das fontes em questão.

Nesse sentido, algumas indagações se apresentaram como problema de pesquisa: quais os desafios enfrentados para alcançarem o lugar de estudante e professora, enquanto mulher e negra?; como se constituíram as práticas escolares durante a pandemia do Covid-19, em especial, na rede pública do ensino fundamental em Montes Claros, Minas Gerais?; frente a essa situação, como essa crise pandêmica do Covid-19 estabeleceu as relações envolvendo a educação, raça, classe e gênero?; como podemos “contar” as histórias de vida de mulheres professoras e estudantes negras do ensino fundamental de escolas públicas de Montes Claros nesse período?; quais foram as suas vivências e saberes?; quais as estratégias e dinâmicas

utilizadas nesse período pelas mulheres professoras e estudantes negras, convivendo com a pandemia?; e quais as políticas públicas implantadas para solucionar os desafios dessa realidade nessa época?

Com o desafio e intenção de entender essas questões, a pesquisa se encontrou em consonância com o Eixo 4, do “IV Seminário diálogos sobre formação docente, práticas e pesquisa: saberes da experiência e diversidade em foco”, promovido pela Casa do Educador: Professora Dedé Prais e Governo Municipal de Uberaba através da Secretaria de Educação, cuja proposta consistiu em pensar acerca da “Educação para as Relações Étnico Raciais: Pesquisas e relatos de experiências sobre a história da população africana, afro brasileira e indígena nos espaços formais e não formais, por meio de diferentes linguagens que contribuam para a valorização, reconhecimento e revisões históricas” (Secretaria de Educação de Uberaba, 2022).

Com essa finalidade, o estudo se apresenta, em desenho parcial, pois, ainda se encontra em movimento de pesquisa, nos seguintes moldes.

## **2 METODOLOGIA**

A História, em especial a partir do século XX, ganha novos contornos e possibilidades para a sua escrita. Novas fontes, campos, abordagens e metodologias são apresentadas por meio da Escola dos Annales. Nessa perspectiva, pensamos esse estudo, pois recorreremos a uma nova fonte, metodologia e técnica de pesquisa, a História Oral. Para contar uma história de vida implica em rememorar acontecimentos considerados significativos e, por isso, se faz, necessariamente, um apelo à memória. A memória traz à tona eventos que marcaram a trajetória de vida das pessoas.

Nesse sentido, a História Oral assume espaço e significados diferenciados pela possibilidade de se reportar à memória coletiva pela via das experiências individuais, vividas em uma época, no âmbito de um determinado grupo social. No contexto dessa pesquisa, a história oral se constitui como uma rica possibilidade, que é utilizada de forma privilegiada. Contudo, ao buscar as experiências vividas por sujeitos concretos - mulheres professoras e estudantes negras - nesse estudo específico, consideramos que a afetividade, o desejo, a inibição e a censura podem exercer manipulações, conscientes ou inconscientes, sobre a sua memória individual, tanto no esquecimento, como na recordação (Le Goff, 2003).

Diante desse campo de investigação são inúmeras as indagações que se colocaram e visaram esclarecer e revelar as histórias de vida das mulheres, professoras e estudantes negras, de Montes Claros, no período de 2020 a 2022, época da pandemia de Covid-19 (Rovai, 2017).

Nossa finalidade foi saber sobre: quem são as professoras e estudantes de escolas públicas de Montes Claros em 2020 a 2022?; quais foram os avanços e desafios em relação a esse período para promover o processo ensino e aprendizagem?; como se constituiu a formação profissional dessas professoras negras nessa época pandêmica?; quais as motivações, modelos e interesses em relação a sua formação profissional para atuarem nessa época pandêmica?; como as estudantes negras se colocaram para aprender nesse período?; quais foram as experiências dessas mulheres negras, professoras e estudantes?; e as in experiências?; como foi a trajetória de vida pessoal e profissional dessas professoras?; e das estudantes?; quais foram as complexidades apresentadas nas escolas?; como foram possibilitados o trabalho dessas professoras?; e a aprendizagem das estudantes?; qual a imagem que elas tem de si mesmas nos diferentes momentos da pandemia para ensinar e aprender? São muitas inquietações e questões, as quais se encontram em movimento nas entrevistas realizadas com as mulheres, protagonistas da pesquisa e desse enredo.

A evocação da(s) memória(s) para a transmissão do vivido por meio das narrativas constituiu a principal matéria de estudos, cujo método é a história oral de vida. Nesse tipo de pesquisa consideraram-se os silêncios, os esquecimentos, as reiterações, a linguagem não verbal e o cotejamento com fontes escritas e imagéticas. Tudo isso compôs os dados de análise. A memória presente nos relatos orais não é sinônimo de História Oral. A passagem daquela etapa para esta se dá por meio da aplicação rigorosa do método, que é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos (Meihy, 2005).

Meihy (2005) diz que a história oral de vida é um dos gêneros mais cultivados em pesquisas dessa característica. Histórias de vida chamam a atenção nos dias atuais. Elas não constituem biografias, pois seu objetivo não consiste em contar a vida inteira de uma pessoa, mas as memórias que remetem a um determinado tema de estudo, no nosso caso, analisar a relação entre educação, raça, classe e gênero a partir das narrativas das histórias de vida de mulheres professoras e estudantes negras do ensino fundamental, em Montes Claros, Minas Gerais, nos tempos pandêmicos de Covid-19.

As depoentes tiveram espaço para relatar suas memórias. Elas foram nossas colaboradoras na construção da narrativa histórica. Suas experiências são nosso alvo principal de estudo. Desse modo, essa pesquisa se propôs a realizar entrevistas com nove mulheres, sendo seis professoras e três estudantes. As entrevistas foram individuais, seguindo orientações de Portelli (2016) - escuta, transcrição, análise e construção narrativa - com a finalidade de construir histórias de vida dessas mulheres negras, professoras e estudantes, a partir das suas memórias. Essas mulheres foram selecionadas de acordo com critérios estabelecidos a partir da

proposta de estudo como, por exemplo, característica individual, nesse caso, gênero, raça e profissão, pois as perguntas se relacionaram a essa questão.

Nesse sentido, apresentar os critérios de seleção dessas sujeitas é importante, também considerando o seu anonimato, assim como alcançamos/encontramos as participantes. A seleção das participantes em pesquisas qualitativas pode ser feita com base nos princípios de homogeneidade ou de heterogeneidade. Nesse estudo considerou-se a homogeneidade, pois entrevistamos, até o momento, três professoras e uma estudante, mulheres e negras, de escolas públicas de Montes Claros, Minas Gerais. A idade variou, pois dependeu, por exemplo, se a professora é mais nova ou não, assim como tempo de trabalho ou estudo, importando os critérios acima como prioritários. Entretanto, flexibilizamos algumas questões como a escolha das escolas, onde trabalham ou estudam essas mulheres negras. Para tanto, estabelecemos que, tanto as professoras como as estudantes, estariam vinculadas a escolas públicas, entretanto, com características diferentes, sendo uma estadual, a segunda municipal e a terceira estadual/militar. A seleção dessas escolas constituiu na possibilidade de verificações em diferentes dimensões, mesmo sendo instituições públicas.

Diante das nossas inquietações, seguimos a metodologia e aplicamos as técnicas propostas para execução da pesquisa. A Escola Britânica nos orienta nesse sentido para apresentar as histórias de vida dessas professoras, que são experiências (Thompson, 1981) e estruturas de sentimento (Willians, 1982).

Ao considerar a dimensão do conhecimento e do avanço científico, acreditamos que, a realização desta pesquisa contribuirá do ponto de vista teórico e metodológico, com os estudos que vêm sendo realizados no campo da História da Educação no Brasil. Diferentemente do que encontramos em grande parte das pesquisas desse campo, o estudo que propomos teve como foco compreender a história de vida com o auxílio das narrativas das sujeitas que a fizeram, construindo e reconstruindo seus saberes e práticas no cotidiano da sala de aula, claro, aliadas a outras fontes que a complementam como documentos oficiais ou não, passíveis de análise.

Entretanto, nessa narrativa apresentamos a pesquisa de forma parcial, ou melhor, a proposta com maior ênfase ainda está em tramitação, pois, o estudo se encontra ativo.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Constata-se que, em 2020, a Covid-19 se alastra em diversos países, inclusive no Brasil, transformando-se em uma pandemia (Organização Pan-Americana da Saúde, 2022).

No Brasil, verificou-se que, a Covid-19 revela desigualdades sociais alarmantes. O referido vírus contamina, em primeiro momento, as classes abastadas, viajantes ao exterior, as

quais procuram tratamento em seus planos de saúde. Na contramão, a classe trabalhadora é atendida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), cuja primeira confirmação de contaminação foi uma empregada doméstica, em São Paulo, contraindo o vírus de seus patrões, que tinham feito uma viagem para a Itália (Globo, 2020).

O aumento da pandemia de Covid-19, no decorrer de 2020, ganhou grandes proporções e direcionou-se para as camadas mais pobres, ou seja, trabalhadores, motivada por vários fatores, entre eles, moradia e alimentação inadequada; trabalhos informais, “bicos” e, geralmente, nas ruas; etc. Nesse quadro de contaminação e morte pelo vírus, constatou-se que, o item raça/cor revela número referente à maioria de pretos e pardos, denotando o processo histórico brasileiro remetente ao colonialismo e ao capitalismo vigente (Silveira, 2007).

Nessa perspectiva, esse estudo é relevante, pois se alicerça na necessidade de pesquisar essa temática, problematizada, com a finalidade de compreender essa realidade em Montes Claros, Minas Gerais, examinando suas especificidades em relação às questões envolvendo educação, raça, classe e gênero a partir das narrativas das histórias de vida de mulheres professoras e estudantes negras do ensino fundamental (Assupção; Leonardi, 2015).

Pesquisar as ocorrências do nível local, em seu diálogo com as várias dimensões - educacional, social, econômica, política e cultural -, de forma mais ampla, é tarefa importante e necessária, possibilitando conferir a visibilidade de mulheres, professoras e estudantes negras, nesse período, no processo de ensinar e aprender nas adversidades advindas desse contexto (Louro, 1999).

A referida pesquisa se configurou como um estudo histórico na área da Educação, mostrando sua importância nesse campo, cujo procedimento prioriza a história oral, por se tratar de um recurso que produz narrativas e depoimentos, de forma, mais ou menos, controlada sobre determinadas temáticas. Também utilizamos documentos diversos e pouco explorados pelos historiadores da Educação, principalmente em Montes Claros.

Outro fator que sinalizou para a necessidade de realização dessa pesquisa foi a possibilidade de compreensão do tempo presente envolta em uma temática atual que, inclusive demanda análise e políticas públicas, cujo fenômeno pode receber contribuições dos historiadores e profissionais da educação.

Pesquisas históricas podem permitir a compreensão do passado e lançarem luz sobre questões contemporâneas. Bloch nos remete que, a História é a “Ciência dos homens”, acrescentando: “dos homens, no tempo”. O historiador, não apenas pensa o “humano”, mas sua inserção na atmosfera em que seu pensamento respira, naturalmente, a categoria da duração. Decerto, dificilmente imagina-se que, uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo (Bloch, 1997).



Nesse sentido, um olhar sobre o passado, igualmente, poderá contribuir para a compreensão do persistente quadro de “crise” da realidade brasileira advinda do colonialismo, que reverbera nos enfrentamentos das escolas no país como uma questão crônica, para a qual ações e esforços desenvolvidos apresentam modestos resultados.

Ressaltamos que a condensação de tal objeto de estudo foi se alimentando dos elementos encontrados em pesquisas diversas desenvolvidas como professora/pesquisadora nas instituições em que trabalhamos – Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e o Centro Universitário Funorte (Funorte) –, assim como, participação em grupos de pesquisa; orientações de Iniciação Científica (CNPq, Fapemig e Voluntária), Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na graduação e pós graduação *lato sensu* e *stricto sensu*; e disciplinas ministradas nos cursos de graduações de História da Unimontes como “História da África e Cultura Afro-brasileira” e de Direito da Funorte, “Direitos Humanos e Questões Étnico-Racial”.

Desse modo, essa pesquisa é relevante em diversas dimensões como na perspectiva educacional, política, social, econômica e acadêmica e, para tanto, procedimentos científicos se fizeram necessários para sua execução.

Nessa direção, realizamos quatro entrevistas, as quais nos permitiram viabilizar as dificuldades enfrentadas na pandemia de Covid-19, tanto pelas profissionais da educação como estudante. As entrevistas foram transcritas e estão em fase de análise e estudo, entretanto, já apontaram os seguintes entraves relatados pelas professoras colaboradoras: dificuldades de adaptação para o ensino remoto e com as novas tecnologias; aulas em casa apresentam barulho ou interrupções; aumento da carga horária de trabalho; insônia ou excesso de sono; aumento do sentimento de auto-eficácia no sentido de serem obrigados a produzirem; *stress* e cansaço; maior demanda de trabalho; dificuldades em avaliar os estudantes; entre outras questões (Reis, 2022).

No entanto, essas mesmas professoras assinalaram vantagens como: a necessidade de melhorar as qualificações, sobretudo em relação à tecnologia; a não presença na sala de aula, local onde há violências e, desse modo, sendo um ambiente prejudicial, mentalmente, para as professoras; as aulas remotas foram difíceis, mas constituíram momentos da não vivência com a violência na escola; etc. (Reis, 2022).

Em relação à colaboradora estudante constatou-se: falta de sinal de *internet* adequado; não possuir equipamentos como *tablets*, computadores e *smartphones*; falta de apoio em casa pelos pais e/ou responsáveis; problemas com a saúde mental; maus hábitos alimentares; vislumbrar novas oportunidades e o futuro profissional; não comunicação com os amigos e colegas; etc. (Reis, 2022).

Esses relatos estabelecidos como memórias das professoras e estudantes, coletados através das entrevistas, consistiram em percepções do universo dessas mulheres com suas experiências nessa nova configuração, ou seja, em um período pandêmico e no formato remoto, cuja finalidade foi processar o ensinar e o aprender. Os desafios detectados foram grandes, entretanto, passíveis de construção por meio do ser educador em escolas públicas de Montes Claros.

Salientamos que as histórias de vida dessas mulheres, professoras e estudantes negras, serão descritas em outros trabalhos, após a análise das fontes. Essa narrativa, apenas, assinala a proposta em uma perspectiva parcial de estudo. Dessa maneira, a pesquisa constitui uma narrativa na perspectiva da História da Educação, com o exame das entrevistas e, dessa maneira apresentará, posteriormente, memórias constituídas como histórias de vida das professoras e estudantes, mostrando dados a partir da oralidade aliadas a outros documentos históricos.

#### **4 CONCLUSÃO**

Esse estudo, ainda, encontra-se em fase de execução e, por esse motivo não apresenta a concretização de seus objetivos, entre eles, a narrativa histórica das histórias de vida das professoras e estudantes pretas de Montes Claros. Entretanto, diante da pesquisa realizada até o momento, constatamos que, no contexto de formação de Montes Claros, o processo de ensinar e aprender se concretizou, apesar e com as dificuldades.

Ao estudar a história da cidade verificaram-se grupos sociais marginalizados e as mulheres negras constituem parte deles. Os enfrentamentos dessas pessoas, conforme relato nas entrevistas, possibilita impressões significativas que, mulheres negras sofreram mais no período da pandemia de Covid-19.

Esses dados apontam o papel dessa cidade na promoção da educação, contudo, a investigação colocada consiste em detectar quem tem acesso a ela e como a pandemia de Covid-19 repercutiu na vida de mulheres negras, estudantes e professoras, em um lugar de enfrentamentos e lutas.

#### **REFERÊNCIAS**

ASSUPÇÃO, R. P.; LEONARDI, F. G. Uma educação para a construção da cultura dos Direitos Humanos: caminhos possíveis a serem trilhados. *In: UNIFESP, A educação como construtora de uma cultura de direitos humanos*. São Paulo: UNIFESP, 2015.

BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Belo Horizonte: Selo Negro Edições, 2011.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. Belo Horizonte, 18 dezembro 1997.

GLOBO. *Primeiro caso confirmado de covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses*. São Paulo, SP, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quata.ghtml>. Acesso em: 05 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Montes Claros, MG*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/montes-claros/panorama>. Acesso em: 06 fev. 2022.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas. São Paulo: UNICAMP, 2003.

LOURO, G. L. (org.). *Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MONTES CLAROS EM FOCO. *Terra da arte, cultura e seresta*. Ano XII, n. 36, agosto 1979.

OLIVA BRASIL, H. *História e desenvolvimento de Montes Claros*. Belo Horizonte: Rd. Lemi S/A, 1983.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. 2020. *Histórico da pandemia de COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 04 fev. 2022.

PAULA, H. de. As origens de Montes Claros: depoimento de Hermes de Paula. In.: *Montes Claros Em Foco*. Ano XII, n. 36, agosto 1979.

PORTELLI, A. *História oral como arte da escuta*. Trad. Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REIS, F. L. C. *Entrevistas concedidas a pesquisadora*. Montes Claros, MG, maio-jul. 2022.

ROVAI, M. Educação para a diversidade de gênero e sexualidade: refletindo sobre práticas e discursos. *Revista Ciências Humanas: Educação e Desenvolvimento Humano*, Taubaté, v. 10, n. 2, dez. 2017.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE UBERABA. *IV Seminário Diálogos Sobre Formação Docente, Práticas e Pesquisa*. Uberaba, 18 nov. 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/iv-seminario-dialogos-sobre-formacao-docente-praticas-e-pesquisa-saberes-da-experiencia-diversidade-em-foco-279243/>. Acesso em: 22 out. 2022.

SILVEIRA, R. M. G. et al. (org.). *Educação em direitos humanos: fundamentos metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

WILLIANS, R. *Culture*. Londres: Fontana, 1981

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. UNIMONTES. *A universidade do Norte de Minas*. Montes Claros, 2001. s/p. (Folder)

VIANA, U. de S. *Monografia de Montes Claros: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Montes Claros, 1916.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

## **SOBRE OS AUTORES**

*Filomena Luciene Cordeiro Reis* é doutora em História pela Universidade Federal de Uberlândia (2013); mestre em História pela Universidade Severino Sombra (2005); graduada em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (1994); graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário UniSant'Anna. Estágio pós-doutoral na Universidade de Uberaba (2022). Atualmente é professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros e professora das Faculdades Unidas do Norte de Minas – Funorte, no curso de Direito. Tem experiência na área de História e Arquivo. Atua na área de História, com ênfase em História Social, principalmente nos seguintes temas: historiografia, cidade, trabalho, patrimônio cultural/documental, imprensa e memória.

E-mail: [filomena.reis@unimontes.br](mailto:filomena.reis@unimontes.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2175-8390>

*Wenceslau Gonçalves Neto* possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1976), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1983), doutorado em História pela Universidade de São Paulo (1991) e estágio pós-doutoral em História da Educação na Universidade de Lisboa (2005-2006). Professor da Universidade de Uberaba (UNIUBE). Vice Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE, 2017-2022). Membro do Comitê de Assessoramento de Educação (CA-ED) do CNPq (2015-2018). Membro da Câmara de Assessoramento de Ciências Humanas, Sociais e Educação (CHE) da FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (2023...). Membro e Coordenador da Câmara de Assessoramento de Ciências Humanas, Sociais e Educação (CHE) da FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (2016-2019). Professor Titular aposentado do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação (NEPHE) da UFU.

E-mail: [wenceslau.neto@uniube.br](mailto:wenceslau.neto@uniube.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4374-0311>

*Recebido em 01 de agosto de 2023  
Publicado em 16 de dezembro de 2023*